

III SIMPÓSIO DE DESENVOLVIMENTO, TECNOLOGIAS E SOCIEDADE

Desenvolvimento, Imaginário e Sociedade

O KENE COMO CONVITE À METAMORFOSE

Para os Kaxinawá, povo nativo que habita, atualmente, o Acre e parte do Peru, os Kene (desenhos) foram ensinados por Yube, cobra jiboia que leva em sua pele todos os desenhos possíveis. Tal crença advém da lenda, que passada oralmente, coloca o desenho como ponto central na cultura deste povo. Cada desenho contido nas vinte e cinco peles de Yube pode se transformar em tantos outros e assim sucessivamente. O Kene é a língua dos espíritos, pois registra o invisível, configura a complexidade e a dinâmica da impermanência, adquirindo vida própria e poder de metamorfose. Quando um Kene se torna compreensível é hora de se transformar em outro. A multiplicidade de possibilidades a partir de cada Kene comprova a premissa Kaxinawá de que: “O desenho da cobra contém o mundo. Cada mancha em sua pele pode abrir e mostrar a porta para novas formas.” (LAGROU, 2002) As culturas indígenas desenhavam com os dedos e ressaltam o corpo como nosso verdadeiro instrumento de aprendizagem. A superfície a ser pintada ou desenhada e os materiais extraídos da natureza que servirão de pigmento e definição de pontos, linhas, formas e texturas interferem no resultado final que em nada se ocupará com a manutenção e autoria do produto obtido, pois a dinamicidade proposta pelas sucessivas metamorfoses registra, a exemplo dos ciclos e ritmos da natureza, antes a constante impermanência do que a cristalização.

Palavras-chave: *Kaxinawá, Yube, Kene*

OS CONTOS AFRICANOS E SUAS ILUSTRAÇÕES

Palavra Chave: Contos africanos- ilustrações- arte africana
Ms. Selma Bajgielman

O continente africano, vítima de nosso olhar etnocêntrico que só compreende, aprecia e valoriza a hegemônica cultura do homem branco, ocidental ou europeu, só recentemente começa a ser reconhecido por sua expressão artística, cultural e estética. O multiculturalismo é uma provável saída para a ditadura de uma única estética balizada pelo pensamento neoliberal que nos leva a um tamanho distanciamento de nossa própria essência a ponto de testemunharmos, nos dias atuais, a possibilidade de uma inviabilidade da continuidade da vida humana em nosso planeta. A arte africana, também chamada de arte negra ou primitiva é na verdade rica em sua complexidade e comporta um olhar diferenciado no que se refere à relação do homem com a natureza, a hierarquia, a valorização dos idosos e da ancestralidade. Os povos africanos inversamente aos ocidentais creem que o homem pertence à natureza e deve servi-la e respeitá-la, assim como honrar e preservar sua identidade e origem familiar. Esse ethos se reflete na tradição oral expressa nos contos e nas imagens e ilustrações que os acompanham. Mesmo considerando que os contos utilizados nesta pesquisa foram traduzidos e ilustrados por brasileiros que estudam o universo cultural africano, vamos nos ater a sua capacidade de transmissão de elementos altamente expressivos, dos quais fomos aliados por tantos séculos.

UNINCOR

A ELOQUÊNCIA DO GESTO NA NARRATIVA VISUAL

Uma narrativa pode se desenvolver plenamente através de imagens, dispensando o código verbal, desde que o enredo se concatene como um conjunto de lexias capazes de se articular e expressar significado e sentido. Para o escritor Ítalo Calvino tal gênero representou uma escola de fabulação, estilização e composição. O corpus de nosso trabalho é a história de uma montanha, aqui reconhecida como um corpo vivo aparentemente estático, que será escalada por seis diferentes personagens. A descrição dos mesmos ocorrerá especialmente pela ilustração de seus corpos: O tipo de deslocamento, a forma como se vestem e, principalmente, a gestualidade presente no movimento e nos procedimentos revela a história para os corpos leitores, detentores da polissemia, muitas vezes transgressora, que legitima a infinita reconstrução que rege as relações artísticas. Pelo caminho da subida, no topo da montanha e durante a descida, signos poéticos e metalinguísticos revelam os vestígios deixados por cada uma das seis personagens que nos remetem ao conceito de Persona descrito por Jung. Há também registros indiretos do corpo que ilustrou. É possível ver as marcas do lápis manejado por mãos que esboçam a tinta e a água, que dedos e pincéis tentam com suavidade domar, a firmeza com que o giz oleoso marca o papel e a precisão concentrada do traço preto que delinea o desenho. A corporeidade do ilustrador se revela nesta figuração colorida que ratifica a premissa de Roland Barthes sobre a dialética que se estabelece antes pelo retorno na diferença do que na repetição da identidade.

UNICAMP
